

## SUPERFÍCIE/INTERIORIDADE

SALIH, Sara. Gênero Integrante. In: SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. Cap. 3, p.92-93.

Elisa Ferreira\*

A autora, Sara Salih, professora da universidade de Kent, em Canterbury, Reino Unido, faz comparações entre obras da escritora e filósofa Judith Butler, tais como *Gender Trouble* (1990) e *Bodies that Matter* (1993), enfatizando o feminino no discurso da linguagem, fazendo uma ligação com o pensamento do filósofo Foucault em sua obra *Vigiar e punir*. A abordagem de Salih nesse tópico do capítulo trata do argumento de Butler, *de que não existe identidade fora da linguagem*. Tal argumento faz com que ela, Butler, rejeite a distinção comumente aceita entre superfície e interioridade e o dualismo cartesiano entre corpo e alma.

Tal como Judith Butler, que tem preocupação em compreender o discurso de gênero em nossa sociedade hoje, também Salih demonstra este mesmo cuidado. Na verdade, nós mulheres estamos cada vez mais implicadas nesse discurso de gêneros. Mas será que o discurso oral, como forma primordial de linguagem, é um *modelo de inscrição*, algo internalizado corporalmente? Butler entende que *a lei não é literalmente internalizada, mas incorporada, com a consequência de que são produzidos corpos que significam essa lei sobre o corpo e através do corpo* (Butler, apud Salih, 2013, p. 82).

Mas vale sempre questionar se existe uma constituição de gêneros no interior do sujeito sem que a linguagem tenha a sua força motriz impressa no corpo já engajado ou modificado pela linguagem? Podemos dizer que o discurso é apenas um efeito e não causa do gênero, tal como observa Salih ao comparar Foucault e Butler? A autora menciona Foucault, em sua interpretação de que há um "modelo de inscrição" corpórea, e refuta Butler "a estilização corporal do gênero, figuração fantasia e fantástica do corpo" não é

---

\* Bacharel em Direito pela da Faculdade Mineira de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

bem como descreve a filósofa norte-americana, não é uma essência, mas um padrão para identificar o sujeito com um gênero se diferenciando do outro .

Já que não é essência, segundo Butler, o discurso linguístico pode perfeitamente generificar obras de arte e este é um fato recorrente em toda sociedade, já que há várias obras artísticas com discurso “generificado”. Exemplifico através das palavras de Oscar Niemeyer. O discurso da linguagem cultural do próprio artista diz o seguinte:

*Não é ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos meus rios, nas nuvens do céu, no corpo da mulher amada. De curvas é feito todo o Universo. O universo curvo de Einstein.* (Niemeyer, 1998, p. 42).

Estamos engajados no discurso de gênero que atravessa o corpo, que não é o feminino do sujeito que fala, mas o masculino que vê o mundo como um homem que ama a beleza arquitetônica do mundo como ama as mulheres, como exemplo de um discurso generificado. Também nesse sentido Salih cita Judith Butler, em sua investigação sobre gênero, discurso e corporeidade. A forma como se lê o mundo diz respeito ao modo corpóreo como olhamos a nós mesmos e o nosso entorno, sempre em movimento, sempre em transformação.

Assim, para Butler, “*O fato de que o corpo ‘generificado’ é performativo sugere que não há status ontológico fora dos variados atos que constituem sua realidade*” (Butler, apud Salih, 2013, p. 93). Se nosso discurso linguístico performatiza um corpo por gênero, estamos construindo distinções entre gêneros e ao mesmo tempo não há outra performatização. É a superficialidade e não a interioridade o que conta. Levando aqui também em consideração a nossa brasilidade, me aproprio das palavras ditas pelo arquiteto Oscar Niemeyer, “(...) de curva é feito todo o Universo”. Sendo assim, colocamo-nos diante de uma questão, a do gênero, vivenciamos apenas o discurso, sempre performativo, sempre na curva da própria vida.

## REFERÊNCIAS

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. Tradução de Guacira L. Lobo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Revista Especial Módulo – *Oscar Niemeyer 50 anos de arquitetura*. **Arquitetura e arte**, Edição, nº 97 ébano, São Paulo, 1988. Niemeyer Fala... 39 – 45